

## **Evolução, progresso e universalidade: elementos do conceito de história em H. G. Wells**

**Fábio Luciano Iachtechen\***

*Ora essa, ele inventa...!*

**Julio Verne**

Certa vez, quando indagado sobre o que pensava a respeito dos “romances científicos”<sup>1</sup> de H. G. Wells, o escritor francês Júlio Verne, em tom aborrecido, teria pronunciado a exclamação da epígrafe (TAVARES, p. 15). Uma reação natural de alguém preocupado com a verossimilhança de suas histórias, que buscava constante embasamento material e científico para as propostas descritas em sua ficção. De fato, diferente do que propunha Verne, é possível encontrar nas primeiras obras de Wells situações que fogem a uma explicação racional, naturalmente quando assim confrontadas. É o caso das viagens temporais presentes em *A máquina do tempo* (1895), da criação artificial de seres humanos em *A ilha do doutor Moreau* (1897) ou mesmo da possibilidade de tornar as pessoas invisíveis em *O homem invisível* (1896). Estas obras tiveram grande repercussão na época e ainda hoje são reeditadas com alguma frequência. São responsáveis pela manutenção de Wells como um escritor com relativa popularidade, que flutua ao sabor das adaptações cinematográficas que são realizadas periodicamente a partir destes livros.

Herbert George Wells nasceu em Bromley, Kent, subúrbio ao sul de Londres, em setembro de 1866, filho de um jardineiro e de uma criada que posteriormente viriam a se constituir como modestos comerciantes. De aspecto franzino, o jovem Wells teve uma infância pouco próspera, passando a maioria de seus dias nos fundos da loja dos pais. Sua mãe, Sarah Wells, trabalhou também como empregada doméstica numa casa de campo de uma tradicional família londrina. Os dias passados com a mãe mostraram a Wells desde cedo uma hierarquia social que marcaria suas primeiras impressões a respeito do mundo. Apesar de ser filho de uma das serviçais da propriedade, foi

---

\* Doutorando - Universidade Federal do Paraná.

<sup>1</sup> Para David Hughes (1987, p. 2), “romance científico” é uma categoria intermediária, pelo menos em sua forma britânica, entre as obras que trazem apenas alguns dados científicos, bastante comuns até pelo menos a segunda metade do século XIX, e a própria ficção científica emergente no início do século XX. O romance científico, assim, tem por característica essencial o emprego de uma retórica da ciência, sem a necessária correlação com a ciência desenvolvida na época.

apresentado diretamente ao modo de vida cultivado pela aristocracia britânica, posteriormente satirizada em diversas oportunidades em algumas de suas obras <sup>2</sup>.

Biólogo por formação<sup>3</sup> e romancista precursor da ficção científica, Wells é frequentemente classificado por seus cometas por uma profusão de definições, como crítico social, divulgador científico, jornalista, socialista militante, enciclopedista, eugenista, futurista, arauto do internacionalismo e do governo mundial, entre outras. No entanto, de uma maneira geral, Wells pode ser caracterizado como um literato social: alguém que produzia e se manifestava por intermédio da literatura utópica, caracterizada por uma retórica científica e progressista, porém com aspirações sociais maiores que a simples exposição das possibilidades técnicas de sua época. Para além desta ficção que extrapolava os limites da plausibilidade, Wells tornou-se também um publicista que discorria sobre uma infinidade de temas, como a liberação feminina, o sufrágio universal, reformas educacionais, além de panfletos socialistas, discursos e libelos contra a guerra.

Num segundo momento de sua carreira, no início do século XX, podemos afirmar que Wells deixou a ficção em segundo plano, porém sem abandoná-la, e partiu para uma produção intelectual cuja principal característica talvez seja o reformismo social. Neste sentido, manuais sobre biologia evolutiva, jornalismo de cunho sociológico, textos sobre conjuntura econômica mundial, escritos sobre história, além de alguns romances utópicos e de costumes formam uma massa disforme de conhecimentos que carrega consigo o objetivo comum de promover uma educação popular integral e a difusão de uma das suas grandes obsessões intelectuais: a formação de um Estado mundial regulado por uma administração centralizada, com um idioma único (tendo como proposta principal a criação do que chamou “inglês básico”),

---

<sup>2</sup> Entre principais romances de costumes publicados por Wells, podemos citar *Kipps: the story of a simple soul* (1905), que trata de um menino pobre que se descobre herdeiro de um rico aristocrata e acaba inserido num mundo completamente diferente. Merece destaque também *The story of Mr. Polly* (1910), que retrata a entediante vida num subúrbio britânico, além de *Ann Verônica* (1910), cuja personagem principal é uma jovem sufragista que luta para quebrar as convenções de uma Inglaterra patriarcal e moralmente conservadora. É importante ressaltar que estas obras, mesmo quando apresentadas por personagens centrais que acompanham todo o enredo, tem a crítica social como elemento principal, deixando as questões internas comuns aos *Bildungsroman* em segundo plano.

<sup>3</sup> Wells recebeu em 1884, aos dezoito anos, uma bolsa de estudos na *Normal School of Science* de Kensington, uma respeitada instituição que mantinha em seu quadro de professores nomes reverenciados das ciências naturais, como Thomas Huxley, seu professor e grande influência intelectual, divulgador crítico do evolucionismo darwinista.

controle dos transportes e comunicações, além da propriedade estatal para fins educacionais do conjunto das informações produzidas pela humanidade.<sup>4</sup>

De fato, a obra de Wells assumiu um caráter mais prático nas primeiras décadas do século XX, pois seus primeiros livros, os chamados romances científicos, foram recebidos como portadores de ideias interessantes, mas que não possuíam ligação efetiva com a realidade. Wolf Lepenies traduz esta constatação lembrando uma irônica manifestação da escritora britânica Virgínia Woolf a respeito de Wells e seus contemporâneos, que ilustra a compreensão e receptividade de obras como as que passaram a ser propostas por Wells, a partir da sua entonação ao ensaio e ao jornalismo social. Em 1920, Woolf propôs uma divisão definitiva da literatura inglesa em dois grandes grupos: os eduardianos, dentre os quais incluiu Arnold Bennet, John Galsworthy e H. G. Wells e os georgeanos, T. S. Elliot, James Joyce e D. H. Lawrence. Ela afirmou na oportunidade que algumas mudanças decisivas ocorreram na década de 1910 na sociedade inglesa, e que somente os georgeanos foram capazes de captar tais mudanças, que passavam pela análise da natureza humana e suas características essenciais, e não mais pela análise social-utópica. (LEPENIES, 1988, p. 145) É provável que a receptividade para ideias sociais em forma de romance não fosse mais a mesma que na virada do século, quando os romances científicos atingiam grandes públicos, disponíveis nos periódicos que os publicavam com frequência.

A partir destas considerações, é possível afirmar que o reformismo social proposto por Wells, até certo momento de sua carreira manifestado essencialmente por meios literários, passa gradativamente a mesclar elementos das ciências naturais que sempre o acompanharam - mas que se apresentavam implícitos em um discurso ficcional que não favorecia sua aceitação enquanto ideário científico pertinente a sua época - com uma nova forma de expressão, considerada ainda literária, porém mais direta e objetiva. Segundo Lepenies (1988, p. 153), tratava-se da busca de uma espécie de sociologia universal, que aliava subjetividade e objetividade, beleza e verdade, arte e ciência. De uma maneira geral, um esforço pela expressão científica em formas literárias

---

<sup>4</sup> Em 1938 Wells reuniu uma série de artigos anteriores num livro chamado *World Brain*, que trata basicamente da formação de um grande instituto que compilaria, organizaria e regularia o conhecimento universal como forma de desenvolvimento e promoção do progresso humano. Esta proposta foi amplamente discutida em diversos fóruns em diferentes lugares do mundo, e é entendida como uma importante inspiração na constituição de tecnologias da informação posteriores, inclusive as mediadas pela criação da Internet e sua consequente organização em rede.

mais adequadas aos objetivos sociais observados entre o final do século XIX e o início do XX. Para Wells, duas formas de expressão se apresentaram como resposta a estas necessidades proeminentes: a historiografia narrativa, aos moldes de Buckle, Edward Gibbon e Carlyle<sup>5</sup>, e a utopia como gênero literário-social, em sua entonação ao futuro como variável componente do processo histórico.

Dentre os escritos históricos, sem dúvida o principal e fonte primordial a esta pesquisa é a História Universal, publicada no início dos anos 20. O título principal da obra, em inglês, *Outline of History*<sup>6</sup> não faz exatamente jus a sua ambição. O subtítulo, subtraído das edições nacionais pelo fato de “História Universal” ser uma expressão que melhor se adequa a estrutura da obra e que por si só se apresenta ao leitor, *being a plain history of life and mankind* apresenta uma explicação melhor formulada sobre as características da obra. Podemos compreender a palavra *plain* em seus dois sentidos primordiais (plano, raso, liso, ou ainda, sincero, franco) no sentido de *plainly* (claramente, abertamente), e ainda os termos “*life and mankind*” como uma alusão a história do gênero humano, desde os primeiros organismos vivos até a complexificação das relações humanas e suas instituições jurídicas, econômicas e sociais. Neste sentido, temos um explicação advinda do subtítulo que proporciona ao leitor uma compreensão mais precisa das ambições historiográficas de Wells.

Escrita entre o final de 1918, meses após o fim da primeira Guerra Mundial, e o início de 1920, *Outline of History* teve primeiramente na Inglaterra e Estados Unidos, e

---

<sup>5</sup> Além da questão da narrativa, que pode ser identificada como uma característica recorrente em parte da historiografia inglesa do período, é possível ressaltar o caráter não acadêmico dos autores acima citados, que manifestavam, assim como Wells, uma crença importante no progresso e no papel modelar que a história proporcionava, identificando no passado uma linha evolutiva que justificaria algumas situações do presente. Especialmente Buckle apresenta algumas ideias na sua *História da civilização na Inglaterra* (1857) que reforçam a questão da confiança no valor moral da história e sua relação fundamental com as ciências naturais, especialmente como fundamento metodológico. Sobre o tema, ver apresentação de Valdeir Araujo sobre a Introdução Geral à História da civilização na Inglaterra em MARTINS, Estevão de Rezende. **História pensada: teoria e método na historiografia europeia do século XIX**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 217-226.

<sup>6</sup> Em inglês, *outline* pode ser traduzido como esboço, delinear ou contorno. Escrita entre os anos de 1918 e 1920 foi publicada, pela primeira vez, em fascículos ilustrados. Cuidadosamente revista, foi transformada em livro em 1920. Novamente revista, foi reorganizada para a reedição de 1923, que ganhou nova edição ilustrada em 1925; em 1930 foi reeditada e aumentada, ganhando novas notas e correções, inclusive proporcionadas por correspondentes de Wells, aproveitando sua grande popularidade. A História Universal sofreu ainda uma revisão final em 1932, edição principal, em português, a ser utilizada neste trabalho, publicada pela Companhia Editora Nacional com tradução de Anísio Teixeira

depois em grande parte do universo letrado, uma excepcional vendagem<sup>7</sup> e uma consequente e inflamada recepção, que lhe rendeu uma série de críticas profissionais, artigos de opinião+ e manifestações de desagravo. Estas críticas normalmente variavam entre a reivindicação da presença de fatos e personagens teoricamente omitidos da definitiva aventura humana proposta por Wells. Porém, parte importante dos comentários em relação a História Universal propunham um debate teórico-metodológico que criticava o evolucionismo social que acompanhou Wells e seu ideário, ou mesmo críticas a sua falta de isenção e excessivo julgo pessoal sobre o passado como um pecado historiográfico capital, mesmo para um diletante.

Tais manifestações se justificam não apenas pela grande repercussão da obra, que certamente despertou no universo intelectual, inclusive acadêmico, a necessidade de uma manifestação, mas também pelo tom polemista que Wells adota em sua historiografia, livre das amarras metodológicas do cientificismo que caracterizou escolas de pensamento histórico anteriores, mas com uma necessária característica informativa que necessitava da correção factual e apego a um passado aceito como universal, a todos inteligível e pertencente.

Na própria introdução da História Universal, Wells deixa claro que sua proposta de revisão da história não abandona os temas relacionados ao poder como principais condutores desta grande novela da humanidade que apresenta ao leitor comum. A questão reside na forma como a política era tratada e retratada. Assim, é possível sugerir, apesar do próprio Wells definir sua proposta como uma Nova História, que a novas possibilidades temáticas e metodológicas de cunho sociológico, antropológico e cultural, que vinham sendo levantadas nas primeiras décadas do século XX como características da chamada Nova História, não constituem necessariamente fundamento metodológico da proposta historiográfica de Wells. A ideia era propor uma nova abordagem da história política, de modo a inspirar os rumos da reorganização geopolítica mundial posterior a I Grande Guerra e, por que não dizer, os próprios rumos da humanidade, seguindo a intensidade de suas pretensões.

---

<sup>7</sup> Os números de *Outline of History* foram realmente impressionantes para a época. No final de 1921, cerca de 150.000 cópias da edição integral, composta por 6 volumes, haviam sido vendidas na Inglaterra, e cerca de 500.000 cópias nos Estados Unidos, onde a popularidade de Wells o colocou entre os autores de não-ficção mais vendidos da década. A tradução para mais de 20 diferentes idiomas, a maioria com vendas expressivas, colocaram a História Universal entre o seletivo grupo dos livros com circulação superior a 1.000.000 de exemplares entre os anos 20 e 40. (ROSS, 2002, p. 13)

“Semelhante trabalho (constituição da comissão inglesa para os debates na Liga das Nações) havia de forçosamente envolver participação nas discussões e levou ainda à organização de uniões e sociedades de propaganda. Os debates nessas associações revelaram, soberanamente, a importância vital em todas as atividades políticas de determinada concepção sobre o passado. Com efeito, que são as atividades políticas de um homem senão sua ideia do passado posta em ação?” (WELLS, 1959, p. 4)

Com o intuito de promover um debate diferenciado na constituição da Liga das Nações<sup>8</sup> e no processo de reorganização mundial pós I Guerra Mundial, a ideia central de Wells era discorrer sobre alguns contextos históricos que exemplificariam a vocação europeia para a unidade, buscando justificativas históricas para o que classifica como uma obstinada busca da manutenção de um império na Europa, ora baseado nos exemplos de expansão e conquista característicos da Antiguidade clássica, ora identificado nos projetos de unificação fundamentados na cristandade, propostos em diferentes momentos históricos. No entanto, esta proposta inicial foi extrapolada, adquirindo contornos universais, adequando a esta ideia de universalidade uma extensa e diversa relação de civilizações e grupos humanos, apresentados em narrativa pretensamente unificadora.

Porém, sob uma análise mais detalhada, a obra apresenta algumas características interessantes, por sinal pouco estudadas nas obras consultadas para este projeto, que informam uma posição historiográfica *sui generis* que contempla diversas características que formam uma filosofia da história que dialoga com diferentes correntes e conceitos que permeiam o debate historiográfico entre o final do século XIX e o início do XX.

### **Características da História Universal**

É possível identificar algumas das ideias acima expostas a partir de um trecho de um romance bastante popular na época:

---

<sup>8</sup> Em 1919, Wells publicou na *Atlantic Monthly* um manifesto sobre a constituição da Liga das Nações em conjunto com alguns intelectuais ingleses, que por sinal viriam a ser seus colaboradores na confecção posterior da História Universal. Neste artigo, intitulado *The idea of a League of Nations*, Wells prevê uma liga com poderes mais amplos e atuação mais direta do que as propostas apresentadas, especialmente pelo presidente americano Woodrow Wilson. De fato, Wells propunha uma estrutura governamental para a liga, que não se conformaria apenas em ser uma mediadora de problemas geopolíticos, mas uma entidade que teria o controle prático e irrestrito dos exércitos, marinhas, forças aéreas, indústria bélica e similares das nações que a compusessem.

*Gutman stopped whispering. His sleek dark eyes examined Spade's face, which was placid. The fat man asked: "Well, sir, what do you think of that?"*

*"I don't know."*

*The fat man smiled complacently. "These are facts, historical facts, not schoolbook history, not Mr. Wells's history, but history nevertheless."*

The maltese falcon  
**Dashiell Hammett**

O diálogo entre as personagens do filme O falcão maltês (1941), baseado na obra homônima de Dashiell Hammett escrita em 1930, tem o objetivo de provar a veracidade do falcão, uma estátua que traz consigo algumas joias encrustadas que despertam a cobiça de várias pessoas, base do enredo deste *thriller* policial que deve sua popularidade em especial às suas adaptações cinematográficas. No entanto, a distinção feita por Mr. Gutman a respeito do tipo de história que usa para convencer seu interlocutor sobre a existência do falcão tem como contraponto a história de Mr. Wells, segundo ele um livro escolar, que não pode ser tratado como matéria séria, como algo baseado em fatos históricos, relegando-o nas entrelinhas ao plano inútil (para suas pretensões) da ficção. (FLUET, 2004, p. 3)

O diálogo atesta a relativa popularidade que a História Universal de Wells mantinha ainda nos anos 40<sup>9</sup>, como referência, para o bem ou para o mal, de um manual de história popular e, provavelmente, em outra instância, de um tipo de ideia sobre a história, com formato e pretensões bastante específicas dentre as possibilidades historiográficas que se apresentavam.

De uma maneira geral, entre os aspectos que caracterizam a História Universal, podemos destacar este caráter popular, manifestado nos já comentados números de vendas, mas que proporcionam uma análise sobre sua atribuição como instrumento de educação geral. Certamente, a intenção de Wells não era produzir uma obra especializada, para um público segmentado, e talvez neste segmento encontrar um novo

---

<sup>9</sup> Em janeiro de 1943, três anos antes de morrer, Wells publicou na *Strand Magazine* um pequeno texto chamado "Meu auto-obituário", no qual se refere - num tom jocoso conduzido em terceira pessoa - a si próprio e sua obra das últimas décadas. Num determinado momento faz referência a sua História Universal como uma proposta esquecida já nos anos 40, especialmente se levarmos em conta a sua vendagem no período de sua publicação nos anos 20. No entanto, deixa transparecer que este "esquecimento" se refere particularmente as mensagens políticas de cunho utópico que sua historiografia propunha, principalmente a tentativa da construção de uma identidade universal para a humanidade, proposta esta que se distanciava cada vez mais das suas aspirações iniciais durante os desdobramentos da II Guerra Mundial.

sucesso editorial e de crítica. Suas pretensões passavam pela necessidade de informar um número expressivo de pessoas sobre sua condição humana universal, segundo Wells abalada pelo flagelo da Grande Guerra, mas que se constituía como uma oportunidade ímpar para um reordenamento das atividades humanas, tudo isso tendo a história como justificativa e ferramenta principal.

Assim, outra questão fundamental a ser explorada é a linguagem empregada, que se pressupõe histórica, pois propõe analisar o passado como objeto central, mas que traz consigo componentes literários, porém não necessariamente romanescos ou mesmo líricos, apesar de algumas passagens indicarem uma construção estética que faz uso destes recursos. A intenção de Wells era comunicar-se com um público mais amplo, e para tanto seu discurso histórico se propõe bastante direto e simples, prevalecendo a natureza narrativa/informativa sobre as civilizações, eras, impérios e movimentos humanos que tenta articular como componentes de um único, orgânico e evolutivo processo histórico.

Assim, neste intuito de informar, a História Universal apresenta poucas notas ou informações sobre as fontes e/ou documentação utilizada. Wells sempre ressaltou, especialmente nas primeiras edições, a contribuição de nomes familiares da literatura histórica inglesa do início do século XX, como Gilbert Murray, Lowes Dickson, H. W. Steed e Leonard Woolf. Porém, a contribuição precisa destes autores fica diluída em meio a narrativa contínua, praticamente sem referências, o que lhe confere, por um lado, a facilidade da leitura na íntegra, o que suscitou inclusive a produção de versões reduzidas da História Universal igualmente populares, mas também a irritação de alguns críticos sobre a ausência de tais referências como um pecado imperdoável que relagava a obra à condição ressaltada pela personagem de Dashiell Hammett.

### **Debate crítico-historiográfico:**

Sobre recepção crítica a História Universal, é possível afirmar que ela engloba, com já exposto, diferentes tipos de análise. De uma maneira geral, os comentadores de Wells podem ser divididos em três grandes grupos:

**1. Os analistas de questão forma/estilo:** Um dos mais precisos e detalhistas críticos da



História Universal foi o professor escocês Arnold Gomme, ex-combatente na I Guerra Mundial e historiador da Antiguidade clássica, especialmente Grécia, pois analisou em suas obras mais conhecidas a natureza da historiografia de Tucídides. Gomme publicou em 1921 um artigo crítico de longo título chamado *Mr. Wells as historian: an inquiry into those parts of Mr. H.G. Wells's Outline of history which deal with Greece and Rome* que, como o próprio nome diz, preocupou-se em analisar a abordagem que Wells faz do mundo antigo ocidental, particularmente Grécia e Roma. A condução da crítica feita pelo prof. Gomme se baseia na falta de erudição de Wells, que é acusado de abordar superficialmente temas fundamentais ligados a nossa origem enquanto civilização. O mundo antigo é tratado por Wells como portador das manifestações iniciais ou tentativas de unificação da humanidade em um hipotético governo mundial, identificado também na expansão helênica, mas especialmente atribuído imperialismo romano, no qual são identificadas recorrentemente as características universais como componentes de sua pujança, algo equivocado e impróprio segundo as críticas de Arnold Gomme.

Outra manifestação também de 1921 é a crítica feita pela historiadora diletante canadense Florence Deeks, que publicou breves manifestos acusando Wells de plagiá-la quando da publicação da História Universal. O interessante desta reivindicação é a comparação recorrente que ela propõe como método de análise, trazendo trechos e ideias de seus escritos e comparando-os com trechos de Wells, com ênfase em especial ao estilo narrativo de cada um.

**2. Abordagem metodológica/historiográfica:** Talvez a principal referência crítica feita a Wells por um historiador profissional advém de um artigo escrito por Marc Bloch, em 1922, intitulado “Uma nova história universal: H. G. Wells historiador”. Bloch inicia seu artigo ressaltando a fertilidade da obra de Wells, bem como sua capacidade em apreender o mundo a sua volta e transformá-lo em uma literatura fascinante e instigante. Reconhece a pertinência da obra, além da capacidade do autor, enquanto autodidata, em desenvolver um sentido histórico que faria inveja a muitos historiadores de profissão. Reconhece, além disso, seu objetivo em estabelecer uma unidade ao passado. “Será a história verdadeiramente susceptível de construir a base da solidariedade? Não há dúvidas. Na obscura cabala do passado, cada qual lê a lição de egoísmo ou altruísmo que quiser ler”. (BLOCH, 1998, p. 266)

No entanto, Marc Bloch identifica algumas falhas na constituição da obra. A começar pela falta de isenção, da parte de Wells, no que diz respeito aos seus sucessivos julgamentos sobre o que escreve, o que não condiz com um saber cientificamente conduzido como a história acadêmica. Esta questão é abordada objetivamente em sua *Apologia da história*<sup>10</sup>, no capítulo que fala da análise histórica, pois Bloch é taxativo ao afirmar que existem duas maneiras de ser imparcial: a do sábio e a do juiz. Porém ambos, em sua pretensa imparcialidade, submetem sua análise a constituição da verdade histórica, um problema metodológico que Bloch associa a Ranke e a escola metódica alemã e que merece ser superado por novos modelos que, na prática, acabaram por fundar uma nova ordem na historiografia do século XX. Bloch deixa claro também seu descontentamento em relação à omissão de Wells para com a França, em episódios como a Revolução Francesa e o período napoleônico, ou até sobre a diminuição de importância de alguns feitos franceses na I Guerra Mundial. Para Bloch, um espírito como o de Wells, que aspira a universalidade constantemente, incide no grave erro de prender-se a querelas nacionais, comuns desde outrora entre ingleses e franceses.

**3. Questão religiosa/bioevolutiva:** O terceiro grupo é também provavelmente o mais polêmico entre os comentaristas de Wells, pois agrupa alguns autores que criticavam o evolucionismo presente na *História Universal*. O mais inflamado crítico é certamente o historiador e parlamentar inglês Hilaire Belloc, que protagonizou nos anos 20 alguns debates com Wells que não se reduziram ao universo das letras, mas foram travados nas diversas oportunidades em que puderam se encontrar nos círculos intelectuais ingleses. Wells inclusive acusou Belloc de o perseguir socialmente, sob o pretexto de evocar discussões que normalmente tinham sua proposta sobre a história como tema primordial. Belloc tinha uma forte ligação com a Igreja Católica, tendo dedicado parte de sua vida intelectual a combater a ascensão do evolucionismo que se havia se tornado bastante popular e contava com a simpatia de parte significativa da intelectualidade britânica. As investidas de Belloc provocaram uma resposta formal de Wells, em 1926, em forma de um breve livro chamado *Mr. Belloc objects to "The outline of history"* no qual procura pontuar algumas destas críticas, especialmente em relação a sua filiação ao

---

<sup>10</sup> Edição utilizada nesta comunicação: BLOCH, Marc. **Introducción a la historia**. México: Fondo de Cultura Económica, 2000.

darwinismo social e ao fato da sua História Universal trazer explicações secularistas para a origem e desenvolvimento da humanidade, além de lhes indicar uma direção futura, completando a linha evolutiva com evocações a um possível futuro baseado na regulação de um Estado universal.

Por fim, uma crítica semelhante, porém menos incisiva, é a proposta também de 1921 feita pelo prelado britânico Richard Downey, arcebispo de Liverpool, chamada *Some errors of H. G. Wells*, com o sugestivo subtítulo “*a catholic's criticism of the “Outline of history”*”, revelador de suas pretensões. Downey procura ater-se ao início da História Universal, indicando os possíveis problemas que Wells proporciona ao formular sua história sob preceitos evolutivos.

### **Considerações finais/quadro teórico**

O discurso histórico identificado em H. G. Wells pode ser pensado a partir do que propõe Reinhart Koselleck, em “Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos”, pois permite que, em consonância com as características relativas especialmente à História Universal acima apontadas, pensemos, do ponto de vista metodológico - a articulação entre tempos históricos e interpretação histórica. O conhecimento do mundo histórico é, para Koselleck, resultante da articulação entre o espaço da experiência e o horizonte da expectativa, pois é daí que se produzem as histórias e as clivagens entre os tempos históricos. Toda escrita da história/ texto histórico, além de exigir uma permanente reescritura, promove, a partir de um determinado presente, as feições do passado e expectativas de futuro. Portanto, todo texto histórico, antes de qualquer coisa, denuncia a seu próprio tempo de produção, tempo que promove as diferenças/aproximações entre passado e futuro e, principalmente, produz nossa própria inteligibilidade daquilo que se entende por história.

Neste mesmo sentido, Koselleck propõe uma fundamental abordagem metodológica do que ele chama de história conceitual, que emerge da necessária distinção e possível relação entre, por um lado, a história enquanto conjunto dos fatos do passado ou ainda a ciência que os estuda e, por outro, as formas narrativas pelas quais este passado é expressado. Assim, é característica fundamental do que propõe

Koselleck como uma teoria do conceito de história a ideia de que o processo histórico é marcado por diferentes temporalidades, e que o futuro é um componente deste processo, promovendo o que Jörn Rüsen (2001) chamou de uma consciência histórica crítica, que tem como atributo primordial perceber a diferença entre os eventos históricos em si, sua relação temporal e a construção linguística que os informa.

No artigo *Temporalization of utopia* temos um exemplo concreto manifestado em alguns estudos de caso sobre diferentes utopias literárias que propõem um acesso direto ao futuro, ou melhor, nos termos propostos pelo próprio Koselleck, sua análise está relacionada com o que identifica como uma passagem entre a utopia encerrada em si para filosofias da história manifestadas a partir das segunda metade do século XVIII. Esta mudança se dá fundamentalmente porque os espaços utópicos possíveis já haviam sido identificados geograficamente, ou em outras palavras, ultrapassados pela experiência, que por sua vez acabou por suprimir as expectativas. (2002, p. 84-99) Assim, o futuro se apresenta como espaço de experimentação com infinitas possibilidades, tendo o tempo como uma variável fundamental, oferecendo compensação para os infortúnios morais e sociais do presente, um projeto inicialmente atribuído ao iluministas, mas que é retomado por Wells em sua concepção sobre a história.

### **Recepção/textos críticos**

BLOCH, Marc. H G. Wells como historiador. In: **História e Historiadores**. Lisboa: Teorema, 1998.

DOWNEY, Richard. **Some errors of H. G. Wells**: a catholic's criticism of the "Outline of history". New York: Benziger Brothers: 1921.

GOMME, Arnold W. **Mr. Wells as historian**: an inquiry into those parts of Mr. H.G. Wells's Outline of history which deal with Greece and Rome. Glasgow: MacLehose, Jackson and Co., 1921.

McKILLOP, A. B. **The spinster and the prophet**: H.G. Wells, Florence Deeks, and the case of the plagiarized text. New York: Publishers Group West, 2002.

H. G. WELLS. **Mr. Belloc objects to "The outline of history"**. London: Watts & CO., 1926.

## Fontes

WELLS, H. G. **História universal**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

\_\_\_\_\_. **Outline of History**. Being a plain history of life and mankind. New York: The Macmillan Company, 1921.

\_\_\_\_\_. **Outline of History**. Being a plain history of life and mankind. London: Waverley, 1920.

\_\_\_\_\_. **Outline of History**. New York: Sterling, 2004.

\_\_\_\_\_. **Pequena história do mundo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1939.

\_\_\_\_\_. **História do futuro**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.

\_\_\_\_\_. **A modern utopia**. London: Penguin Classics, 2005.

\_\_\_\_\_. **Antecipations of the reaction of mechanical and scientific progress upon human life and thought**. New York: Dover, 1999.

\_\_\_\_\_. **The last war (World set free)**. Nebraska University, 2001.

\_\_\_\_\_. **The war in the air**. Nebraska University, 2002.

\_\_\_\_\_. **The open conspiracy**. Westport: Praeger Publishers, 2002.

\_\_\_\_\_. **The new world order**. Project Gutenberg, 2004.

\_\_\_\_\_. **“The country of the blind” and other science fiction stories**. New York: Dover Thrift, 1997.

\_\_\_\_\_. **A ciência da vida: saúde, doença e o destino do homem**. 9 volumes. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955.

\_\_\_\_\_. **La lucha por la vida: páginas autobiográficas**. Buenos Aires: Espasa-Calpe, 1946.

\_\_\_\_\_. **A máquina do tempo**. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.

\_\_\_\_\_. **O destino da espécie humana**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941.

\_\_\_\_\_. (*et. al.*) **The Idea of a League of Nations**. The Atlantic Monthly, February, 1919, Vol. 123, nº. 2, p.77-82.

## Bibliografia

ASÚA, Miguel de. **Ciencia y literatura: un relato histórico**. Buenos Aires: Eudeba, 2004

BLOCH, Marc. **Introducción a la Historia**. México: Fondo de Cultura Económica, 2000.

CANTOR, Paul & HUFNAGEL, Peter. **The empire of the future: imperialism and modernism in H. G. Wells**. Studies in the Novel, vol. 38, n. 1, 2006.

COSTA, Vidal Antonio de Azevedo. **Ecos do tempo: fragmentos da gênese de uma temporalidade moderna**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná. Tese de doutorado em História. Orientação: Professora Dr<sup>a</sup> Ana Maria Burmester, 2002.

- DIEHL, Astor Antônio. **Cultura historiográfica**: memória, identidade e representação. Bauru: EDUSC, 2002.
- DRAY, William. **Filosofia da História**. Rio de Janeiro. Zahar, 1969.
- EVANS, Arthur B. **The origins of science fiction criticism**: from Kepler to Wells. *Science Fiction Studies* 78, vol. 26, part 2, July 1979.
- FLUET, Lisa. **Modernism and disciplinary history**: on H. G. Wells and T. S. Eliot. *Twentieth Century Literature*, Fall, 2004.
- GARDINER, Patrick. **Teorias da história**. Lisboa: Calouste Gulbekian, 1995.
- HAMMOND, J. R. **H. G. Wells**: interviews and recollections. New Jersey: Barnes & Nobles, 1980.
- HUGHES, David Y. **British “scientific romance”**. *Science Fiction Studies* 41, vol. 14, part 1, march, 1987.
- HUNTINGTON, John. **The H. G. Wells reader**: a complete anthology from science fiction to social satire. Maryland: Taylor Trade Publishing, 2003.
- JAMESON, Fredric. **Arqueologies of the future**: the desire caled utopia and other science fictions. London/New York: Verso, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Shifting contexts of science fiction theory**. *Science Fiction Studies* 42, vol. 14, part 2, July 1987.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto – Edit. PUC-Rio, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Crítica e crise**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Practice of conceptual history**: timing history, spacing concepts. Standford: Standford University Press, 2002.
- LAROCHE, Lyndon. **O governo mundial**: a perversão de Bertrand Russell e H. G. Wells. Rio de Janeiro: MSIA, 1999.
- LE GUIN, Ursula. **Selected stories of H. G. Wells**. New York: The Modern Library, 2004.
- LEPENIES, Wolf. **As três culturas**. São Paulo: EDUSP, 2006.
- MARTINS, Estevão de Rezende. **História pensada**: teoria e método na historiografia europeia do século XIX. São Paulo: Contexto, 2010.
- OTIS, Laura. **Literature and science in the nineteenth century**. New York: Oxford University Press, 2002.
- PARTINGTON, John S. **The death of static**: H. G. Wells and the kinetic utopia. *Utopian Studies* 11, n. 2, p. 96-111, 2000.
- ROSS, William. **H. G. Wells world reborn**: the Outline of history and its companions. Danvers: Rosemont Publishing, 2002.
- ROSSI, Paolo. **Naufrágios sem espectador**: a ideia de progresso. São Paulo: UNESP, 2000.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica**. Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica. Brasília: UnB, 2001.

SARGENT, Lyman Tower. **Themes in utopian fiction in english before Wells**. Science Fiction Studies 10, Vol. 3, part 3, November 1976.

\_\_\_\_\_. **Eutopias e distopias na ciência**. Revista Morus. Unicamp, nº 4, 2007.

STOW, George. **Stubbs, Steel, and Richard II as insane: the origin and evolution of an english historiographical myth**. Proceedings of the American Philosophical Society, vol. 143, no. 4, december 1999.

TAVARES, Bráulio. **Páginas de sombra: contos fantásticos brasileiros**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

VOGT, Joseph. **El concepto de la historia de Ranke a Toynbee**. Madri: Guadarrama, 1971.

WEST, Anthony. **H. G. Wells: aspects of a life**. New York: Random House, 1984.

WHITE, H. **Meta-história: a imaginação histórica do século XIX**. São Paulo: EDUSP, 1992.

\_\_\_\_\_. **Teoria literária e escrita da história**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 13, 1991, p. 21-48.